

Indústria cultural e educação

o novo canto da sereia¹

Júlio César Werlang*

Antônio Álvaro Soares Zuin é psicólogo, formado pela FFCL-USP/RP, mestre em educação pela Ufscar e doutor em educação pela Unicamp, e um dos coordenadores do grupo de estudos e pesquisa “Teoria Crítica e Educação” (Ufscar/Unimep). Publicou, em 1995, um capítulo no livro *Teoria crítica e educação*. Em 1998, foi um dos organizadores do livro *A educação danificada*, juntamente com Bruno Pucci e Newton Ramos de Oliveira.

A obra de Zuin, *Indústria cultural e educação - O novo canto da sereia*, procura refletir e evidenciar a atualidade e pertinência da essência do conceito de indústria cultural, desenvolvido pela Teoria Crítica, mostrando o processo de universalização da semiformação. Num primeiro momento, explicita a formação enquanto momento-ápice do esclarecimento, provocador de esperança na possibilidade de equivalência entre justiça

e liberdade. Prossegue elucidando o processo de conversão da formação em semiformação, fundamentado em Adorno, com base na Teoria da Semicultura. Relaciona, então, a indústria cultural com a formação dissimulada, abordando os aspectos psicológicos da educação danificada. A partir de uma auto-reflexão crítica desse processo de conversão da cultura em semicultura, aponta as possíveis relações entre educação e emancipação. Finaliza sua obra apostando na resistência à barbárie, acreditando, muito embora, diante de um pessimismo teórico, num otimismo prático.

Indústria cultural é um conceito que mantém sua atualidade principalmente porque, paradoxalmente, se a humanidade elaborou as condições objetivas para que a cultura se universalizasse, ao mesmo tempo, mercantilizou-a, retirando dela seu caráter reflexivo emancipatório, transformando-a em semicultura.

¹ Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

* ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Indústria cultural e educação o novo canto da sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

A formação, como apropriação reflexiva da cultura produzida pela humanidade, é condição *sine qua non* para que liberdade e justiça possam se efetivar e se aproximar. O autor retoma o modo como se constituiu a racionalidade moderna como proposição de elevação do homem a sua maioridade por meio do esclarecimento.

O homem semiformado que emerge desse processo é, por isso, um pseudo-indivíduo, dependente e fragilizado em seu ego, resultante da instalação de uma lógica que converteu a cultura em mercadoria. Minado em sua capacidade reflexiva, ele perde a possibilidade de intervenção significativa nos processos sociais e permanece como reproduzidor dos mesmos: caixas de ressonância dos interesses do capital. Integrado e conformado ao sistema, o homem semiformado consome sua existência alienadamente. “A Indústria Cultural exige reprodução do chamado semiconhecimento” já que conhecer pela metade não é conhecer, mas, ao contrário, é impedir a emergência de um conhecimento crítico e emancipador.

Conforme Adorno, na Teoria da Semicultura: “O que é entendido pela metade, não é um passo em direção a formação, mas seu inimigo mortal”. A indústria cultural gera o ser humano da superfície: embrutecido, dessensibilizado, submetido, desejoso de satisfações imediatas, fórmulas prontas, cuja razão opera na reprodução e conformação da ordem estabelecida. Mostra isso quando reflete em matriz frankfurtiana os resultados da semicultura: rudeza de relações, o desprezo pela arte e música erudita (aceitando sua nova

forma mercadológica), o consumismo dos produtos semiculturais.

Ao estabelecer a relação entre a educação e emancipação, Zuin tematiza a relação teoria e prática desmontando o esquema em que se quer privilegiar a prática e o maior número de informações, bem próprio do consumo semicultural. Sua elaboração tem bases adornianas (em seus escritos sobre educação), de maneira preponderante. Poder e conhecimento, emancipação e conscientização, a noção de teoria e pensamento auto-reflexivo são focos de sua argumentação em favor de uma educação emancipadora. Esta se apresenta como adaptação e distanciamento da realidade, sempre numa perspectiva de fazer a crítica dessa sociedade, cujo *ethos* social e clima cultural propiciam a reincidência da barbárie. A pedagogia negativa é necessária para que o caráter emancipador seja possível.

O autor da obra transita com magistral liberdade entre várias contribuições e tendências filosóficas. Os teóricos críticos, ao lado de Adorno e Horkheimer, Marcuse e Benjamim, contribuem principalmente para tornar clara a conversão da formação em semiformação. O contributo freudiano e o pensar psicanalítico colaboraram na elaboração da educação dissimulada, especialmente no que diz respeito aos aspectos psicológicos da experiência educacional danificada. Outras contribuições são assumidas como é o caso de Baudelaire, Gagnebin, Gruschka, Rouanet e tantos outros.